



Fiori Romano Manchini

**ENSINAR É MAIS DO QUE
TRANSMITIR CONHECIMENTO,
É TRANSMITIR EMOÇÕES**

LANÇAMENTO



Revista **1ª** EVOLUÇÃO

Ano IV - nº 44 - Setembro de 2023

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Vilma Maria da Silva

Organização:

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

Elizabeth Hama Francisco

Luís Venâncio

Manuel Francisco Neto

Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Girlene Nascimento da Silva Mantovani

Giselda Trindade da Silva

Gizilda Barreto de Almeida Ribeiro

Jonatas Hericos Isidro de Lima

Lidiane Oliveira Leopoldo da Silva

Maria Aparecida da Silva

Rita de Cássia Gonçalves Paccola

Simone Moreira Garcia

Sheyla Maria Silva Pimentel

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 4, n. 44 (set. 2023). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2023. 106 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

ISSN 2675-2573 (on-line)

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.44

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

ACESSOS:

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.44>

A

São Paulo | 2023

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Antônio Raimundo Pereira Medrado
Isac dos Santos Pereira
José Wilton dos Santos
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adeílson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Dr. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profa. Mirella Clerici Loayza
Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva
Prof. Dr. Isac dos Santos Pereira
Prof. Me. José Wilton dos Santos

Edição, Web-edição e projetos:

Antônio Raimundo Pereira Medrado
Vilma Maria da Silva
Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

Publicada no Brasil por:

Edições
Livro Alternativo

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



A revista PRIMEIRA EVOLUÇÃO é um projeto editorial criado pela **Edições Livro Alternativo** para ajudar e incentivar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

Seu corpo editorial é formado por professores/as especialistas, mestres/as e doutores/as que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

Uma de suas principais características é o fato de ser **independente e totalmente financiada por professoras e professores**, e de distribuição gratuita.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores/as e autores independentes;

Financiar (total ou parcialmente,) livros de professoras/es e estudantes da rede pública.

PRINCÍPIOS:

Os trabalhos voltados para a **educação, cultura** e produções independentes;

O uso exclusivo de **softwares livres** na produção dos livros, revistas, divulgação etc;

A ênfase na produção de **obras coletivas** de profissionais da educação;

Publicar e divulgar **livros de professores(as)** e autores(as) independentes;

O respeito à **liberdade e autonomia** dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à **diversidade**.

**Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.**

Produzida com utilização de softwares livres



Filiada à:



Platform &
workflow by
OJS / PKP

Google Acadêmico



www.primeiraevolucao.com.br

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

05 APRESENTAÇÃO

Prof.^o Antônio Raimundo Pereira Medrado

FIORI ROMANO MANCHINI

“ENSINAR É MAIS DO QUE TRANSMITIR
CONHECIMENTO, É TRANSMITIR EMOÇÕES”.



ARTIGOS

ARTIGOS

1. O IMPACTO CAUSADO POR UM PROFESSOR ARROGANTE E PREPOTENTE NA APRENDIZAGEM DE SEUS ALUNO
ELIZABETH HAMA FRANCISCO, LUÍS VENÂNCIO, MANUEL FRANCISCO NETO, MARIA MBUANDA CANECA GUNZA FRANCISCO 13
2. A MATEMÁTICA NAS SÉRIES INICIAIS
GIRLENE NASCIMENTO DA SILVA MANTOVANI 31
3. ALFABETIZAÇÃO PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA
GISELDA TRINDADE DA SILVA 41
4. DIVERSIDADE CULTURAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL
GIZILDA BARRETO DE ALMEIDA RIBEIRO 49
5. O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A ABORDAGEM PIKLER PARA O DESENVOLVIMENTO
JONATAS HERICOS ISIDRO DE LIMA 55
6. OS DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES DAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
LIDIANE OLIVEIRA LEOPOLDO DA SILVA 63
7. AS CONTRIBUIÇÕES DAS MULHERES NA SOCIEDADE E AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS
MARIA APARECIDA DA SILVA 73
8. AS BRINCADEIRAS E JOGOS: CONTRIBUIÇÕES PARA OS ASPECTOS PSICOLÓGICOS, FÍSICOS E SOCIAIS
RITA DE CÁSSIA GONÇALVES PACCOLA 81
9. MUSICALIDADE E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL
SHEYLA MARIA SILVA PIMENTEL 89
10. DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA INCLUSÃO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL
SIMONE MOREIRA GARCIA 97

O IMPACTO CAUSADO POR UM PROFESSOR ARROGANTE E PREPOTENTE NA APRENDIZAGEM DE SEUS ALUNOS

¹ELIZABETH HAMA FRANCISCO

E-mail: betyhama@gmail.com

²LUÍS VENÂNCIO

E-mail: luisvenanciovenancio332@gmail.com

³MANUEL FRANCISCO NETO

E-mail: netomanuefrancisco@gmail.com

⁴MARIA MBUANDA CANECA GUNZA FRANCISCO

E-mail: mariambuanda@yahoo.com.br

RESUMO

Em todas profissões identificam-se os bons e os maus profissionais, analisando a ética profissional, sua produção, relacionamento, empenho e a qualidade de seu trabalho e no caso em questão, o de professor arrogante e prepotente, também sua didática e relacionamento com os alunos em sala de aula bem como com os colegas de profissão. Acredita-se que uma grande quantidade de pessoas já teve contacto com esse tipo de professor porque infelizmente ele está presente em quase todas escolas independentemente do nível e subsistema de ensino, há sempre um professor arrogante e prepotente. O presente artigo serve como alerta a alguns professores, que muitas vezes se intitulam como super-dotados e gênios em professorado, educadores por excelência, e que equivocadamente, confundem a arrogância, rigidez e o algebrismo, como sinónimo de um professor excelente ou como forma de melhor controlar e dominar seus alunos. O professor arrogante e prepotente faz da sala de aula um local onde tudo é estabelecido por ele e pelas normas da instituição, acatadas passiva e comodamente, vendo o aluno como um receptor de conhecimentos; sem espaço para discussão, nem momento para esclarecimento de dúvidas. Este professor se sente no pleno direito de manipular, humilhar e até injustiçar o aluno conforme sua vontade sem, no entanto, se importar com as consequências que advenham desta atitude que vão desde o mau rendimento académico à desistência do aluno. Para esta pesquisa, optou-se por uma metodologia qualitativa, valorizando a fala dos sujeitos, através do estabelecimento de categorias de análise. A escolha foi de uma metodologia que trabalhe com significados, valores e atitudes, no intuito de apreender e compreender a questão do estudo, que vai, aos poucos, se configurando em quase todas as escolas, níveis e subsistemas de ensino. Os dados quantitativos serviram de base e direcionamento para as análises.

Palavras-Chave: Impacto. Professor. Arrogante e Prepotente. Aprendizagem

INTRODUÇÃO

No novo século que se inicia, constata-se a vivência de uma crise que atinge todos os segmentos sociais. A qualidade no ensino tem ocupado, nos últimos anos, um lugar de destaque seja no discurso de agentes da educação, como na agenda de políticos, sendo o bom relacionamento professor/aluno um dos principais elementos discutidos para a garantia da qualidade que se deseja, sobretudo a nível do Ensino Primário e Secundário, mas também do Superior.

Quem nunca se deparou com a figura insolente daquele professor autoritário, arrogante, prepotente e extremamente exigente em suas relações de aprendizagem, que se colocam como senhores de sabedoria suprema, que ostenta ter um nível de conhecimento elevado e bem acima de todos até de seus próprios colegas de profissão e superiores hierárquicos. Mesmo fora da escola, encontramos facilmente esse tipo de profissional, como por exemplo, um chefe presunçoso e arrogante, ou daqueles colegas invejosos, ou mesmo no contacto e convívio social com aquele amigo, que se julga o mais esperto e importante, por ganhar mais dinheiro e exercer cargos mais elevados em suas profissões etc.

Mas, voltando ao convívio escolar, em nossas conversas com muitos profissionais desta área, normalmente temos conhecimento daqueles professores que julgam não terem problemas disciplinares em sala de aula, que sempre cumprem todo programa de ensino antecipadamente, e ainda estariam gozando de bom relacionamento com os gestores da escola, etc., enquanto muitos outros colegas de profissão, não gozam de todos esses privilégios, encontrando uma gama de problemas, como de indisciplina e distorções do aprendizado. Acredita-se que existem mesmo esses profissionais eficientes, dedicados e que nunca encontram dificuldades profissionais, nas relações com os alunos e gestores, e sempre conseguindo transmitir um bom aprendizado aos alunos, mas como será que eles agem para conseguirem esse feito? Denota-se que esses poucos educadores existem e praticam métodos inovadores e eficientes de aprendizado.

O RELACIONAMENTO INTERPESSOAL NO PROCESSO DA APRENDIZAGEM

Num modelo tradicional de ensino, o professor na sala de aula ensina e dá ordens e os alunos aprendem e obedecem. Zagury (1999) deixou bem claro isso, ao mencionar que a teoria educacional subjacente é que "quando o professor ensina, os alunos aprendem, ou seja, aprender era considerado consequência inevitável do ensinar" (p. 9). Nesse sentido pode-se dizer que o professor quebra a possibilidade de um relacionamento harmonioso entre ele e o aluno, e se este não se adapta ao controle, ele é considerado rebelde, indisciplinado, quando na verdade pode ser apenas uma forma de não aceitação de imposições estabelecidas pelo professor e pela escola. Há um distanciamento entre professor e aluno no que diz respeito à subjectividade, sendo que, muitas vezes, as relações são mecânicas, ritualistas e sem vida.

Segundo Fernández (1991):

Para aprender, necessitam-se dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos. E para chegar a uma aprendizagem efectiva deve haver um ensinante e um

aprendente e, entre eles, um relacionamento. Quando há um fracasso na aprendizagem, é preciso pensar sobre estas situações, pois o problema pode estar no professor, na escola, nos pais e não exclusivamente no aprendente (p.47).

Nesta vertente, deveria haver aqui um equilíbrio das duas partes: o aluno respeitando o professor como autoridade em sala de aula e, o professor respeitando o aluno como ser humano em processo de aprendizagem, formação de valores e construção de novos conhecimentos, o que não acontece quando o professor é arrogante e prepotente. Pois, este se sente como o deus do saber, o dono exclusivo de todo processo de aprendizagem e até dos próprios alunos e, para tal, somente os alunos lhe devem respeito e nunca ele aos alunos esquecendo-se desta feita da importância do relacionamento interpessoal.

Segundo Lindsey & Rice, (2015), (...) os relacionamentos interpessoais positivos têm impactos significativos na motivação, engajamento, desempenhos e nos resultados acadêmicos dos alunos” (p. 84). E de acordo com Lowman (2004), os professores com grande potencial de gerar relacionamento interpessoal são vistos como positivos, democráticos e previsíveis.

Por outro lado, os que apresentam baixo potencial nessa dimensão são considerados como negativos, autocráticos e caprichosos. Essa dimensão afeta mais a função do professor enquanto motivador dos alunos dentro e fora da sala de aula Gil (1994), enfatiza que por meio da motivação o professor estabelece uma relação mais profunda com os estudantes. Assim, o docente deve estimular e despertar no aluno o interesse, fazendo com que este participe ativamente das aulas, desenvolvendo um olhar e pensamento crítico. Ainda de acordo com o autor, os docentes que desenvolvem essa dinâmica em sala de aula são vistos de forma diferente, sentem-se valorizados e acreditados, e estimulam resultados positivos.

O professor deve ter em conta que, o ensino é uma tarefa complexa que se realiza num ambiente complexo e que envolve fatores emocionais, culturais, interpessoais e ambientais que influenciam professores e alunos e tudo que ocorre na sala de aula e para o efeito o professor precisa ter em consideração algumas qualidades e atitudes auxiliam nesse processo de ensino-aprendizagem tais como autenticidade, apreço, aceitação, confiança e compreensão empática.

TEORIA COMPORTAMENTAL

Para expor a influência da relação professor-aluno nos processos de aprendizagem podemos usar como base algumas abordagens psicológicas tais como as teorias comportamental, humanista, sociocultural dentre outras que abordam as formas de interação do professor e suas consequências na vida estudantil dos alunos. No nosso caso concreto, preferimos abordar na visão behaviorista/comportamental.

Segundo Rocha (1980, citado por Mizukami, 1986), “para os behavioristas, a aprendizagem pode ser definida como uma mudança relativamente permanente em uma tendência comportamental e/ou na vida mental do indivíduo, resultantes de uma prática reforçadora” (p. 30). Para Mizukami (1986), ensinar consiste na organização e planejamento de contingências de reforço em que os alunos irão aprender, e que é de responsabilidade do

professor a aquisição do comportamento. Com isso, pode-se pensar que a aprendizagem consiste na aquisição de novos comportamentos, mediados por outrem. Na aprendizagem escolar, essa aquisição de novos conhecimentos é mediada e facilitada pelo professor. De acordo com Mizukami (1986):

Os comportamentos esperados dos alunos são instalados e mantidos por condicionamentos e reforçadores arbitrários (elogios, prêmios, reconhecimentos do mestre e dos colegas) e que estão associados a uma classe de reforçamentos mais remotos e generalizados (diploma, vantagens da futura profissão, aprovação final no curso, possibilidade de ascensão social e monetária) (p. 107).

Assim, para aquisição de novos comportamentos, dependemos de condicionamentos e reforçadores, podendo ser negativos ou positivos. Neste contexto, o professor teria a responsabilidade de planificar e desenvolver o sistema de ensino-aprendizagem, de forma tal que o desempenho do aluno seja maximizado. A função básica do professor consistiria em arranjar as contingências de reforço de modo a possibilitar ou aumentar a probabilidade de ocorrência de uma resposta a ser aprendida. De acordo com Skinner (1972), “o professor é quem está em contacto directo com os alunos e quem planeja as contingências de reforço sob as quais eles aprendem; se ele falha, todo o sistema fracassa” (p. 238). O que significa dizer que, os sucessos e fracassos dos alunos estão relacionados ao tipo de professor. Pois, o sucesso do aluno é sucesso do professor, assim como o fracasso. Bons professores sabem disso, e cada nota de reprovação que eles têm de dar os arrasa. Existe uma influência direta entre professores e alunos, que podem gerar consequências positivas ou negativas.

Quando se fala de atenção, aprovação, amizade ou afeição, queremos significar mais especificamente o comportamento do professor quando olha para o aluno, quando o chama, fala com ele, sorri, diz “certo” ou “bem”, facilita-lhe, faz-lhe um agrado, etc. Do lado negativo, significa ignorar o aluno, sobranceá-lo, dizer-lhe “errado!” ou “mal!”, dificultando-lhe as coisas, punindo-o, etc., (Skinner, 1972, p. 273).

Quando os alunos fazem sugestões para melhoria do ensino, quase sempre pedem mais e maior contacto com os professores. Esses comportamentos citados podem ser exemplos das formas de interação entre professor e aluno, que por um lado podem melhorar a vida escolar, e por outro ir para escola pode se tornar algo aversivo. Quando um professor facilita as aprendizagens e dá um apoio para os alunos, eles se sentem bem e à vontade para demonstrarem suas dificuldades, empenhando-se assim para melhorar. Por outro lado, quando um professor aponta somente o errado, humilha publicamente, dificulta cada vez mais as atividades, o aluno sente-se desestimulado e cada vez sua presença na escola ou na aula deste professor será mais reduzida.

Baseando-se na teoria behaviorista/comportamental podemos pensar que a forma com que um professor lida com os conteúdos escolares e os seus alunos irá interferir na relação entre os dois. Se um professor utilizar sempre a coerção, a arrogância, punindo os comportamentos dos alunos aleatoriamente, estes por sua vez irão procurar formas de fugir

da “ameaça”, seja realizando as tarefas apenas para se verem livres ou criando desculpas para se ausentarem das aulas. Por outro lado, quando o professor desenvolve uma relação em que estimula o seu aluno e desperta nele o interesse pela aprendizagem, este já demonstra uma outra forma de relação em que se mostrará satisfeito por suas conquistas e buscará aprender sempre mais.

Um professor que reforça positivamente seus alunos, independente do que eles façam, estará gerando uma forma de aprendizagem em que o aluno sabe o que é certo e errado. No outro extremo um professor que pune todos os comportamentos, independente das razões para o aluno agir daquela maneira, também não estará colaborando para que este aprenda diferentes formas de se comportar, e também estará transformando a escola e a aprendizagem em elementos negativos, onde o aluno só recebe castigos.

Por outro lado, o professor que só reforça seus alunos quando está de bom humor também não é o ideal, uma vez que faria apenas com que estes discriminem os comportamentos do professor. Pensamos que o ideal seria um professor que demonstre apoio, carinho e atenção por seus alunos em detrimento da arrogância e prepotência.

A CONDOTA DO PROFESSOR ARROGANTE PERANTE A AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS DO ALUNO

Quem nunca conheceu aquele professor que inicia suas aulas exatamente no horário previsto e termina rigorosamente na hora marcada, sem intervalo algum, e que ainda se queixa de que não dá tempo de dar todo conteúdo que queria. Para esses profissionais, o objectivo a ser conseguido na sua aula é mostrar trabalho, escrevendo textos longos e cansativos, para deixar claro que sabe muito mais que todos seus alunos, para que estes acreditem que pouco ou nada sabem, e que necessitem dele para aprender tudo (Nunes, 2016). De acordo com o autor, normalmente, esse tipo de profissional, usa suas provas para constranger e até perseguir seus aprendizes, onde ela deve ser programada para a metade ser de fácil resolução e a outra metade muito difícil de ser resolvida (espécie de vingança), obrigando seus alunos a ficarem presos até o final do horário sem, contudo, resolvê-la completamente. O objetivo é que, na medida do possível, todos os alunos tirem uma nota baixa, e assim ele vai amedrontar os medíocres e diminuirá a vaidade dos bons alunos. Quando o aluno tira, por exemplo uma nota zero, ele não alivia em nada e até pelo contrário humilha, muitas vezes expondo este aluno ao ridículo perante os demais colegas de sua turma (Nunes, 2016).

Usando destes artifícios anti-éticos nesse tipo de avaliação já mencionada, esses algebristas ou arrogantes e prepotentes, sempre mantêm seus alunos digamos “dominados” e com receio de serem sumariamente reprovados. Então, aquele aluno bom e cumpridor de suas obrigações, motivado pelo desafio proposto pelo teste, normalmente resolve ou perde muito tempo com as questões mais difíceis e não tem tempo para abordar as mais fáceis, e mesmo quando o aluno merece uma nota 10 no caso do Ensino Primário ou uma nota 20 no caso do 1º ou IIº ciclo, ele procura todos os mecanismos possíveis para descontar pelo menos 3; 2; ou 1 ponto, por exemplo, alegando erros de organização, entre outros. Esse tipo de docente pratica um tipo de aprendizagem irracional e confusa, totalmente baseado no medo e na intolerância, pois além de tudo que já foi mencionado, ainda planifica

provas longas e trabalhosas, onde ele afirma que a velocidade deve ser democrática. Seu lema é complicar ao máximo para ser conhecido como o professor mais inteligente e rigoroso da escola, por isso ele aplica esse tipo de avaliação, que somente possam ser resolvidas, por exemplo decorando várias fórmulas matemáticas, usando de palavras-chave nas perguntas. Assim, os alunos que estudam duramente os conteúdos, e que pretendem deduzir as fórmulas para conseguirem sucesso nas avaliações, não terão tempo suficiente e, certamente receberão uma nota baixa neste tipo de prova.

Podemos encontrar esse temido professor lecionando tranquilamente em várias escolas do país, porque para alguns gestores, ele apesar de causar alguns transtornos dentro da escola, ainda assim mantém boa disciplina em sala de aula pela prática temerosa do medo e excesso de rigor sem se preocupar, infelizmente com o impacto dessa actuação no rendimento escolar dos alunos. Outro facto que podemos mencionar é que o professor arrogante e prepotente sempre complica as questões de suas provas, com problemas diferentes daqueles que foram solucionados em sala de aula e que, muitas vezes dependem do resultado das questões anteriores, pois eles acreditam que assim, seus alunos receberão notas baixas e em consequência aumentará muito sua reputação como professor rigoroso e exigente como se diz na linguagem popular angolana “professor rijo”. Normalmente, ele não devolve e evita corrigir suas provas na sala de aula, para que seus alunos não o contestem e avaliem suas péssimas notas. Ou, mesmo para que nunca encontrem algum erro seu. A justificativa para esta atitude é simples: sem as provas corrigidas em mãos, não existe contestação e ele nunca poderia se retratar e retificar a nota de nenhum aluno, mesmo quando a situação justifique. Assim, ele poderia facilmente abaixar alguns pontos na nota dos alunos tidos como desafiadores, por motivos pessoais ou estratégicos.

Nas escolas onde é obrigatório a revisão de nota, normalmente ele se faz o mais constrangedor possível, para que o aluno se envergonhe de pretender saber por que tirou, por exemplo uma nota 8 e não 10 (caso do ensino primário) ou uma nota 17 e não 20 (caso do I e II ciclo), para que este aceite isso como um trunfo e não conteste o desconto nivelador. Quando isso for realizado na sala de aula, ele sempre usa meios, para que se forme uma boa fila; e dessa forma, aquele aluno se sentirá mal de se queixar do 8 ou do 17 quando seus demais colegas estão se queixando da péssima nota como 2, 4, ou 7 atribuída injustamente pelo professor.

Quase sempre são poucos os protestos e as reclamações, porque existe o medo já instituído de que o aluno com essa postura, vai ser perseguido e de alguma forma poderia ser prejudicado no final. Certamente, esse tipo de profissional, quando se sente ameaçado e acusado, usa de alguns artifícios anti-éticos e até imorais, para coibir as queixas, dizendo que age em nome de um aprendizado mais eficiente e que tudo tem sido feito, com o objectivo de que seus alunos estejam mais preparados para os desafios do futuro e o mundo do mercado. As ameaças inicialmente são sempre contidas, para que nunca cheguem ao conhecimento da direcção da escola, mas com o decorrer dos factos as retaliações citadas podem ser mais agressivas, indo desde uma simples intimidação verbal, até outras mais graves, como ameaças de reprovação, de mudança de turma ou período e até mesmo de escola. Eles finalmente acreditam que mantendo esses alunos calados e amedrontados, deverão conseguir o respeito e admiração de todos e assim se sentirão como verdadeiros donos do poder dentro da escola.

O PAPEL DO PROFESSOR/ AS RELAÇÕES HUMANAS

Desde os primórdios da cultura grega, o professor ocupa posição de fundamental importância para a propagação do conhecimento e o desenvolvimento da sociedade. Já os primeiros filósofos refletiam sobre a essência da natureza humana de maneira envolvente e sedutora, despertando nos seus alunos a curiosidade e a permanente busca do saber. Sócrates andava com os seus alunos e ironizava a sociedade da época com o objectivo de fazê-los pensar, de provocar-lhes a reflexão e o senso crítico (Chalita, 2001). Não se conformava com a passividade de quem acha que nada sabe e nunca conseguirá saber, nem com a arrogância de quem que tudo sabe e, portanto, nada mais há que mereça ser estudado ou refletido.

Jesus Cristo, o maior de todos os mestres da humanidade, contava histórias, parábolas e reunia multidões ao seu redor, fazendo uso da pedagogia do amor. A multidão vinha de longe para ouvi-lo falar e para aprender sobre esse novo reino e sobre o que seria preciso fazer para alcançar a felicidade. O grande mestre não precisava registrar as matérias, não se desesperava com o conteúdo a ser ministrado nem com a forma de avaliação, se havia muitos discípulos ou não. Jesus sabia o que queria: construir a civilização do amor. Navegava em águas tranquilas, com a autoridade de quem tem conhecimento, de quem tem amor e de quem acredita na própria missão (Price, 1980). Sócrates e Cristo foram educadores, formaram pessoas melhores. Não há como negar que os numerosos profetas ou simples contadores de história conseguiram tocar e educar muito mais do que qualquer professor que saiba de cor todo o plano curricular e tudo o que o aluno deve decorar para transitar de classe. Ninguém foi obrigado a seguir a Cristo, não havia lista de presença nem chamada, e mesmo assim a multidão se encantava com os seus ensinamentos. Ele tinha o que dizer e acreditava no que dizia, por isso foi tão marcante.

O professor precisa acreditar no que diz, ter convicção em seus ensinamentos para que os alunos também acreditem e se sintam envolvidos. Precisa de preparo para ir no rumo certo e alcançar os objectivos que almeja. A planificação das aulas e o respeito pelos alunos é próprio do ofício do educador. Tudo na vida exige uma preparação. Uma aula bem preparada, organizada, com o conteúdo refletido muito provavelmente será bem-sucedida, reduzindo o trabalho durante o ano para o cumprimento dos objectivos desejados.

O professor é o grande agente do processo educacional. Qualquer instituição de ensino, por mais que invista em recursos tecnológicos e aspectos materiais, tem sempre como referência o professor. Por mais sofisticados e evoluídos que sejam os equipamentos eletrônicos, jamais serão capazes de substituir o professor. A máquina não reflete e não é capaz de dar afeto, de passar emoção, de vibrar com a conquista de cada aluno. Isso permanece somente como privilégio entre os humanos.

Num toque de teclas, podemos ter acesso às doutrinas, poemas, romances ou informações no computador, como há nos livros, nas bibliotecas, no entanto falta a emoção humana, o olhar atento, a interacção, a gesticulação, a fala, a interrupção e o brilho nos olhos diante da descoberta e da construção colectiva do conhecimento (Chalita, 2001, p. 138).

A formação é um factor importante para o professor. Não apenas a graduação ou a pós-graduação, mas a formação continuada, ampla e actualizada. Não basta que um professor de matemática conheça profundamente a matéria, ele precisa entender de psicologia, pedagogia, linguagem, sexualidade, infância, adolescência, sonho, afeto e vida. Não basta que o professor de filosofia conheça bem sua área e consiga dialogar com áreas afins como história; ele precisa entender de ética, política, amor, projectos, família, possuir uma visão crítica e abrangente da realidade em que está inserido. Para que um professor desempenhe com mestria a aula na matéria de sua especialidade, ele precisa conhecer as demais matérias, os temas transversais que devem perpassar todas elas e, acima de tudo, conhecer e ter afeto pelo aluno. Tudo o que diz respeito ao aluno deve ser de interesse do professor. Ninguém ama o que não conhece. Quem ama sabe ensinar. Para quem teve uma formação rígida, é difícil expressar os sentimentos. Há pessoas que não conseguem elogiar, não conseguem abraçar, não conseguem sorrir. O professor precisa cultivar essas virtudes humanas e trabalhar suas limitações e a dos alunos e não ao contrário.

Chalita (2001), apresenta um quadro com os tipos mais comuns de professor que se pode encontrar designadamente e dentre eles o professor arrogante:

Aquele que se sente como o detentor do conhecimento absoluto. Fala de si o tempo todo durante a aula e fora dela e coloca os alunos em um patamar de inferioridade (...). Gosta de parecer um mito; teima em propalar, às vezes inventando, os elogios que recebe em todos os congressos dos quais participa; conta histórias a respeito de si mesmo para mostrar quanto é competente e querido. Não gosta de ser interrompido, não presta atenção quando algum aluno quer lhe contar um feito seu. Só ele interessa; só ele se basta (Chalita, 2001, p. 163).

Normalmente o professor arrogante tem uma rejeição de si mesmo e não acredita em quase nada do que diz. Como sofre, possivelmente, de complexo de inferioridade, precisa de autoafirmação, usando a plateia cativa de que dispõe que são os alunos. É um professor que para além de inferiorizar os alunos e denigrir a imagem destes inferioriza igualmente seus colegas de trabalho e até seus superiores hierárquicos. Ainda de acordo com Chalita (2001), o professor arrogante carrega dentro de si em simultâneo as características de um professor ditador.

Ele não respeita a autonomia dos alunos. Trabalha como se fosse um comandante em batalha;

(...) exige disciplina a todo custo. Grita e ameaça. Não quer um pio, zela pela sala como se fosse um presídio; ninguém pode entrar atrasado nem sair mais cedo; ninguém pode ir ao banheiro, é preciso disciplinar também as necessidades fisiológicas. Dia de prova parece também dia de glória: investiga aluno por aluno, proíbe empréstimo de material, ameaça quem olhar para o lado direito ou esquerdo. Tem acesso de inspetoria higiênica, investiga as unhas das mãos e os cabelos. Grita exigindo silêncio quando o silêncio já reinava desolado na sala (p. 167).

É um professor que está perdido na necessidade de poder. Poder e respeito não se impõem, se conquistam. Há determinadas práticas que se perpetuam sem razão; são contraproducentes e muito maléficas para o aluno, mas, principalmente, fazem muito mal ao professor que as revive. A dignidade de um profissional é requisito básico para uma relação de trabalho. No magistério, essa norma é um mandamento, na medida em que o professor trata com pessoas em formação, que não são seus iguais em nenhuma hipótese daí a importância do professor olhar para as relações humanas como vias facilitadoras da aprendizagem e peças fundamentais na realização comportamental e profissional de um indivíduo. A relação entre professor e aluno envolve interesses e intenções, sendo esta o expoente das consequências, pois a educação é uma das fontes mais importantes do desenvolvimento comportamental e agregação de valores nos membros da espécie humana. O aluno vê no professor as chances de um caminho mais consistente na busca da realização cognitiva se este representar o afeto positivo, o apoio necessário, constituindo-se num fator de proteção no ambiente escolar. É importante destacar que os aspectos afetivos e uma relação professor-aluno positiva tem papel preponderante nas afinidades que se desenvolvem entre aluno-professor no gostar do professor. Segundo (Goldani, 2010), aluno visa o professor como uma direção, um percurso o qual busca o aprendizado e o bom relacionamento com afeto e atenção, possibilita ao aluno gostar de aprender. Esta afinidade entre ambos torna prazeroso, motivador e interessante a aprendizagem. De facto o afeto é uma importante ferramenta no auxílio ao professor, o afeto sendo desenvolvido em sala de aula para alcançar a atenção do aluno, certamente pode provocar por parte do aluno uma boa recepção do mesmo, em querer aprender (Siqueira 2002).

O afeto é a “chave mestre” para uma aprendizagem mais significativa pois torna-se um facilitador neste processo, potencializando o ser humano ao contrário da arrogância e prepotência. É um dispositivo pedagógico que está à frente do uso do giz e da lousa, traz a vivência de um prazer e de uma alegria, empenha qualidades e emoções, tal como afirma (Siqueira, 2002) o professor deve influenciar de forma positiva, realçando pontos fortes do seu carácter que despertam no aluno o desejo de aprender, de querer adquirir valores e virtudes, transformando-se em um cidadão crítico” (p. 9).

Desta maneira, o aprender se torna mais interessante quando o aluno se sente competente pelas atitudes e métodos de motivação em sala de aula. Para tal, é necessário a consciencialização do professor de que seu papel é de facilitador de aprendizagem e não o de criar dificuldades. Deve estar aberto às novas experiências, procurando compreender, numa relação empática, também os sentimentos e os problemas de seus alunos e tentar levá-los à auto-realização.

Apesar da importância da existência de afetividade, confiança, empatia e respeito entre professores e alunos para que se desenvolva a leitura, a escrita, a reflexão, a aprendizagem e a pesquisa autônoma (...), os educadores não podem permitir que tais sentimentos interfiram no cumprimento ético de seu dever de professor (Siqueira, 2002, p. 205).

A relação professor-aluno é concretizada por meio de vínculos e atitudes como o modo de falar, de se portar, em saber ouvir e compreender as necessidades do aluno, é necessário ser mediador e sensível, o professor sempre deve visar o sucesso no ensinar com amor, carinho, alegria e prazer, mas com compromisso e responsabilidade.

A AUTORIDADE DO PROFESSOR

Aqui não se trata da questão da autoridade que muitos professores confundem com autoritarismo e terminam por manter a disciplina e realização das atividades por via do medo que passam aos alunos/as de sua turma, não.

Quando o professor é autoritário, dominador, arrogante e prepotente, não permite que os alunos se manifestem, participem aprendam por si mesmos. Esse tipo de professor considera-se o dono do saber e procura transmitir esse saber aos alunos, que deverão permanecer passivos a receber o que seu/sua professor/a lhes repassa e exige nas avaliações. Essa situação é prejudicial à aprendizagem, pois, cria a passividade e a dependência, não permitindo que os alunos se desenvolvam autonomamente, aprendendo a decidir por conta própria, a reconhecer problemas e contribuir espontaneamente com a solução dos mesmos.

Cabe ao professor desenvolver habilidades ao utilizar de sua autoridade de professor em sala de aula. Do contrário, construir a autoridade cobrando obediência, impondo suas vontades, fará com que o professor obtenha por parte dos alunos um respeito unilateral, baseado no medo das punições ou humilhações. O professor que mantém relações baseadas no respeito mútuo obterá autoridade por competência, além de nutrir nos seus alunos um clima de afetividade, respeito e confiança.

Muitas das dificuldades que surgem no processo de aprendizagem, como alunos distraídos, rebeldes, que não conseguem aprender, que chegam a desistir entre outros, são reflexos da falta de liberdade em aprender, em vista do autoritarismo, da arrogância e prepotência do professor. Ninguém se sente bem quando é obrigado a ler um texto, a ouvir uma aula que não lhe interessa naquele momento, a realizar um trabalho que não gosta, a ficar sentado horas seguidas sem se mexer. Nessas circunstâncias, o que é feito com má vontade não produz aprendizagem e muito menos realização. Ao contrário, a pressão exercida sobre os professores e a imposição de atividades desinteressantes só pode levar à frustração e à revolta.

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente a sua sintaxe e a sua prosódia (...), o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais ténue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgredi os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência (Freire, 2009, p. 25).

Um professor motivado a aprender interessa-se pelo que faz, confia em sua própria capacidade, participa da aula com mais dedicação, produz mais e consegue alcançar seus

objetivos. O trabalho em liberdade gera alegria e satisfação para quem o faz e resulta em realização pessoal e atitudes positivas em relação aos outros. Se o professor deseja promover um clima de liberdade em sala de aula, é necessário que cultive algumas qualidades como: Autenticidade; Confiança; Aceitação e Compreensão empática (Freire, 2009).

O professor contribuirá muito para a aprendizagem se, se envolver pessoalmente com seus alunos. Isto é: o professor pode mostrar-se interessado ou não nos alunos numa certa aula, satisfeito ou insatisfeito com o trabalho destes. Porém, quando o professor é autêntico em relação a seus alunos manifesta seus sentimentos, e mostra-se aberto ao diálogo e às sugestões, chega mais facilmente a seus objetivos: a aprendizagem e a realização pessoal, e, por sua vez, os alunos mostram-se compreensivos em relação aos sentimentos do professor, respeitam esses sentimentos e, sentindo-se valorizados e livres para trabalhar, colaboram para que os objetivos da aula sejam atingidos. Para tal, torna-se imperioso a construção da afetividade na relação pedagógica professor-aluno, já que esse fator é essencial para o crescimento e desenvolvimento do ser de forma integral. Os autores Borba e Spazziani (2007) afirmam que “a afetividade é a dinâmica mais profunda e complexa de que o ser humano pode participar” (p. 2).

De acordo com Mahoney e Almeida (2007), a afetividade refere-se “à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo/interno, por sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis”, conferindo significado e valor sentimental a essas situações (p. 61). O processo de ensino-aprendizagem exige respostas corporais, contatos epidérmicos, daí a importância de se ligar ao outro. As aprendizagens tornam-se mais facilitadas “quando o indivíduo trabalha com prazer e quando os seus esforços são coroados de êxito. Isto significa que o êxito escolar depende tanto dos aspectos intelectuais como dos afetivos” (Neves & Carvalho, 2006). Dito de outro modo, se as aprendizagens escolares dependem de um conjunto de exigências de ordem técnica, assentes num “saber fazer” que o avanço nos conhecimentos e novas tecnologias garante e exige, não podem deixar de assentar, por outro lado, num conjunto de características afetivas identificáveis que faça com que os conteúdos toquem a pessoa do aluno e ativem “os mecanismos cognitivos para trabalhar a informação e para que a aprendizagem significativa se efetue” (Gonçalves & Alarcão, 2004). Neste caso, torna-se fundamental a questão da afetividade em sala de aula, “as condições concretas pelas quais se estabelecem os vínculos entre o sujeito (aluno) e o objeto (conteúdos escolares)” tendo em conta a interação e as condições de ensino propostas pelo professor.

RESULTADOS DA PESQUISA

O estudo de natureza qualitativa foi aplicado numa das Instituições do IIº Ciclo do Ensino Secundário localizada no Distrito Urbano do Kilamba, município de Belas, província de Luanda.

RELATIVAMENTE AO GUIÃO Nº 1 DIRIGIDO À DIRETORA DA INSTITUIÇÃO

Procuramos primeiramente saber se já alguma vez registou ou identificou professores arrogantes e prepotentes em sua Instituição. Esta por sua vez respondeu que “SIM” e justificou afirmando que os identificou pela “(...) forma de agir com os seus alunos; pelo baixo rendimento escolar dos alunos nas suas disciplinas e pela reclamação dos pais e

encarregados de educação”. A resposta da nossa entrevistada encontra sustentabilidade nas palavras de Chalita (2001), ao afirmar que o professor arrogante e prepotente “não respeita a autonomia dos seus alunos. Trabalha como se fosse um comandante em batalha. Exige disciplina a todo custo. Grita e ameaça. Não quer um pio, zela pela sala como se fosse um presídio”. E de certeza que essa forma de agir com os alunos inibe a participação ativa dos mesmos no processo de ensino e aprendizagem o que conseqüentemente se repercutirá no baixo rendimento escolar.

De seguida, procurou-se saber se a Diretora já havia recebido reclamações vindas dos alunos sobre comportamentos arrogantes de certos professores e que medidas tomou. A esta questão a Diretora afirmou que “**SIM**”, tem recebido reclamações a respeito. E como medidas tem optado pelo diálogo. “Convocamos o professor em causa, conversamos com o mesmo e o aconselhamos. Mas se o caso for recorrente encaminhamos para o conselho disciplinar”.

Finalmente questionou-se a Diretora se já teve casos de alunos que desistiram por serem humilhados ou injustiçados por certos professores. Nesta questão a Diretora afirmou que “**NÃO**”. Divergindo desta feita com as respostas dos alunos que afirmam terem visto vários colegas sobretudo na 10ª e 11ª classe a desistirem a pois terem sido humilhados e injustiçados por certos professores, tal como transcrevemos no guião nº 3 dirigido aos alunos.

RELATIVAMENTE AO GUIÃO Nº 2 DIRIGIDO AOS PROFESSORES

A princípio foram selecionados 15 professores o que corresponde a 100%. Destes apenas 10 responderam às entrevistas correspondendo 66,6 %.

Dos professores procuramos saber logo na primeira instância como tem sido a relação com os alunos em sala de aulas. 7 dos nossos entrevistados respondeu “Boa”; 2 “Razoável” e 1 “Muito Boa”.

De seguida interessou-nos saber se já alguma vez o professor terá brigado ou se desentendido com um aluno. Nesta questão as respostas foram repartidas. (7) Professores responderam “**Nunca**” e (3) “**Sim**”. Aos que afirmaram “**Sim**” pedimos que descrevessem as razões e obtivemos as seguintes justificativas: (P1) “Sim, já me desentendi ou briguei com os meus alunos visto que o processo de ensino e aprendizagem é uma troca de experiência entre professor-alunos e vice-versa, quando me apercebi que não havia essa troca, me entristeci e briguei com os alunos. Graças a Deus, tudo ficou resolvido e hoje os meus alunos são participativos nas aulas de Geografia”; (P2) “Sim, já briguei com os alunos por razões metodológicas e exigências de minha parte no que diz respeito ao cumprimento do regulamento da instituição”; (P3) “Sim, já briguei várias vezes com os alunos porque boa parte deles anda convencido com certas informações que buscam por aí na internet e por vezes não aceitam facilmente a correção do professor e naquela de procurar sempre defender-se o que era uma simples troca de ideias poderá terminar em briga e desentendimento”. A luz dos depoimentos dos nossos entrevistados consegue-se perceber que a grande dificuldade está na relação professor-aluno e na exigência do cumprimento de forma rígido do regulamento interno da instituição por parte dos professores o que de certa forma tem estado na base de

certas brigas e desentendimentos. As exigências são importantes desde que não retirem a liberdade de actuação do aluno. Tal como afirma Freire (2009), “O trabalho em liberdade gera alegria e satisfação para quem o faz e resulta em realização pessoal e atitudes positivas em relação aos outros” (p. 153). É importante que o professor promova um clima de liberdade em sala de aula e cultive ao mesmo tempo a autenticidade, a confiança, a aceitação e a compreensão empática.

Questionados se o comportamento do professor influencia na aprendizagem dos alunos. Os nossos entrevistados foram unânimes ao responderem “**Sim**”. De seguida pedimos que justificassem de que maneira influencia e obtivemos as seguintes respostas: **(P1)** “um professor bem comportado transmite bons valores e serve de inspiração para os seus alunos ao passo que, um professor arrogante e mau comportado transmite uma energia negativa o que consequentemente influencia na aprendizagem dos seus alunos”. **(P2)** “Se o comportamento do professor for daquele que só amedronta ou ameaça os alunos então, isso poderá influenciar na fraca participação dos alunos durante as aulas pois estes se sentirão inibidos”; **(P3)** “uma vez que o professor é o exemplo vivo e prático das aprendizagens do aluno, sua forma de estar, agir, falar e se comportar influencia bastante na aprendizagem dos seus alunos”; **(P4)** “Há alunos que para se sentirem motivados para aprender uma determinada matéria de uma disciplina depende muito da relação que este tem com o professor da referida cadeira”. De acordo com as opiniões dos nossos entrevistados urge aqui a necessidade de se olhar para a postura do professor e sobretudo o seu lado afetivo. Tal como (Siqueira et al., 2002) asseguram ao afirmar que, o afeto é uma importante ferramenta no auxílio ao professor, o afeto sendo desenvolvido em sala de aula para alcançar a atenção do aluno, certamente pode provocar por parte do aluno uma boa recepção do mesmo, em querer aprender. O professor deve ser capaz de influenciar de forma positiva os seus alunos realçando pontos fortes do seu carácter de modo a despertar no aluno o desejo de aprender, de querer adquirir valores e virtudes, transformando-se assim num cidadão crítico.

Perguntou-se aos entrevistados se em sala de aulas têm usado de autoridade ou autoritarismo. Desta questão obtivemos as seguintes respostas: Uns afirmaram que têm usado da autoridade como forma de manter a ordem e o equilíbrio no pensar e no agir dos alunos. Ao passo que outros, disseram que usam a autoridade tal como lhes foi conferida pela instituição como professor. Já outros, afirmaram que usam da autoridade para criar limites entre alunos e professores de modo a se ter um ambiente saudável na sala de aulas. Com base nas afirmações dos entrevistados notou-se que há ainda uma pequena dificuldade em diferenciar a autoridade de autoritarismo. Pois, boa parte dos professores entrevistado usa do autoritarismo em sala de aula como forma de garantir sua autoridade e terminam por manter a ordem, a disciplina e realização das atividades por via do medo que passam aos alunos/as de sua turma. Quando o professor é autoritário ele não permite que os alunos se manifestem, participem e aprendam por si mesmos.

No final, procurou-se saber dos entrevistados se com a democracia os professores conseguiriam ensinar melhor e os alunos assimilarem os conteúdos. Os entrevistados responderam unanimemente que “**SIM**”. Justificando que, onde há liberdade de ensino há aprendizagem e assimilação, pois, o professor torna-se um parceiro do aluno na construção dos conhecimentos e não um impostor. A luz das respostas dos intervenientes se veio a

concluir que a democracia é a melhor opção para se transmitir e assimilar um conhecimento em detrimento do autoritarismo ou ditadura. O professor ditador não respeita a autonomia dos alunos. Trabalha como se fosse um comandante em batalha, não há democracia e nem parceria (Chalita,2001).

RELATIVAMENTE AO GUIÃO Nº 3 DIRIGIDO AOS ALUNOS.

Participaram do trabalho 60 alunos sendo: 20 da 10ª classe; 20 da 11ª classe e 20 da 12ª classe dos Cursos de Ciências Físicas e Biológicas e Económicas e Jurídicas com idades compreendidas entre 16 a 22 anos de idade, sendo 39 (65%) do sexo feminino e 21 (35%) do sexo masculino.

Aos alunos procurou-se primeiramente saber se já ouviram falar de arrogância e prepotência e quando é que se pode dizer que uma pessoa é arrogante e prepotente. Todos os entrevistados afirmaram que sim, já ouviram. E disseram que uma pessoa é arrogante e prepotente quando: “alguém não respeita as opiniões dos outros mesmo que estas sejam boas”; “(...) quando alguém se sente superior e melhor que os outros” “(...) acha-se o centro de tudo e de todos. Alguém que se sente como aquele que sabe tudo e que não necessita de aprender mais nada com os outros”; “Quando abusa de sua posição e menospreza os outros”. As opiniões dos nossos entrevistados coincidem com as de Chalita (2001), ao afirmar que, uma pessoa arrogante é semelhante a um ditador que só exige e se sente como o único à quem todos devem obediência e cumprimento. O arrogante e prepotente não respeita a autonomia dos outros. Sente-se como um semi-deus. Só ele está certo; só ele tem razão e só as suas ideias devem ser validadas.

Quando procurou-se saber sobre as possíveis razões que poderão estar na base de certos professores serem arrogantes e prepotentes sobretudo com os alunos. Se obteve as seguintes respostas: “Vários professores se sentem inseguros nos conhecimentos que transmitem e de modo a evitar afrontas com os alunos ou serem contrariados então, optam pela arrogância e prepotência”; “alguns professores se tornam arrogantes por causa dos indisciplinados alunos”; “(...) Porque certos professores não se formaram para efetivamente exercerem a atividade docente e descontam todos os problemas de suas casas e famílias aos alunos”; “se tornam arrogantes e prepotentes para manter a ordem na turma e o respeito”; “(...) se tornam arrogantes e prepotentes com o objetivo de ganharem notoriedade na instituição e confundem arrogância com rigor”. Olhando para as opiniões dos entrevistados concluiu-se que alguns professores optam pela arrogância e prepotência como mecanismo de garantir o respeito, a autoridade, o rigor e o medo por um lado. E por outro, por falta de princípios éticos e deontológicos da atividade docente tal como afirma (Freire, 2009);

(...) o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais ténue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, desconhece os princípios fundamentalmente éticos da sua profissão (p. 25).

Questionados se alguma vez já brigou ou desentendeu-se, foi humilhado (a), injustiçado (a) ou assistiu um colega (a) a ser humilhado ou injustiçado por um professor.

Dos entrevistados obteve-se as seguintes respostas: i) 49 afirmou que “Sim”, o que corresponde a 81,6%; ii) 2 responderam “Várias vezes” correspondendo a 3, 3% e iii) 9 responderam “Não”, o que equivale a 15 %.

Aos que responderam “Sim” e “Várias vezes”, pedimos que descrevessem suas experiências ou as de outros colegas vivenciadas dentro da sala de aulas e obtivemos os seguintes relatos: **(A1)** “Lembro-me como se fosse hoje, quando na 11ª cl. em plena prova trimestral de uma das disciplinas uma das minhas colegas pediu que o professor lhe ajudasse a compreender certas perguntas que ela não estava a entender infelizmente o professor a chamou de burra, atrasada e doente. A turma pôs-se a rir enquanto a colega chorava. Desde lá, nunca mais vimos a colega. Ela desistiu e isso marcou muito a minha vida”; **(A2)** “Ainda este ano tive um colega que desistiu por ser humilhado e chamado de gay (guei) por uma professora em plena aula”; **(A3)** “Quando estudei a 11ªcl. tive uma colega que desistiu porque uma das aulas de um dos professores ela atrasou-se e quando o professor a permitiu entrar chamou-a de suja, porca, (...) disse que ela não tomava banho e prometeu comprar-lhe um frasco de desodorizante. A colega saio da sala chorando e já nunca mais voltou”; **(A4)** “Já fui injustiçado e humilhado em plena turma e enfrente dos colegas quando no dia de entrega e correcção das provas após ter visto que teria 17 valores ao invés de 13,5 que apareceu na prova procurei reclamar junto do professor o mesmo para além de recusar-se em rever a minha prova mandou que eu entregasse ao meu pai e minha mãe para corrigir melhor. E isso, deixou-me bastante desanimado e de lá pra cá nunca mais tentei reclamar de alguma coisa junto do professor até mesmo quando fico com algumas dúvidas nas suas aulas eu me mantenho calado”. Os depoimentos dos nossos entrevistados encontram sustentabilidade nas afirmações de Freire (2009):

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente a sua sintaxe e a sua prosódia (...), o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais ténue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgredi os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência (p. 25).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Infelizmente esse tipo de professor e seu comportamento citado no presente artigo existe e está bem presente em quase todas escolas e até por vezes é temido. Mas essas atitudes anti-éticas e por vezes até imorais são totalmente incorretas e combatidas pela Pedagogia moderna. Hoje, a vida de um bom profissional da educação é agir como um verdadeiro mediador do aprendizado e não como aquele que sabe tudo e que tudo tem de girar em seu torno. A prática educativa actual exige muito mais compreensão, do que conhecimento da matéria que é ministrada e mais ainda, o professor deve ensinar, mas também aprender com seus alunos. Muitas vezes o professor arrogante e prepotente, que se

julga ter um pouco a mais de conhecimento do que a média dos demais, pode acreditar equivocadamente que sabe tudo, enquanto seus alunos nada sabem, e assim se julgar erroneamente como "dono da verdade absoluta", prejudicando imensamente o processo de ensino e aprendizagem dos seus alunos o que poderá resultar indubitavelmente num fraco rendimento escolar dos alunos e até na desistência destes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, L. R. de e MAHONEY, A. A. (2007). **Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. São Paulo: Loyola.
- BORBA, V. R. S.; SPAZZIANI, M. de L. (2007). **Afetividade no contexto da educação infantil. Educação de Crianças de 0 a 6 anos / n.07. SEE-SP**. Disponível em: <http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT07-3476--Int.pdf>. Data de acesso: Abril de 2023
- FERNANDEZ, A. (1991). **A Inteligência Aprisionada**. Porto Alegre: ARTMED.
- FREIRE, P. (2009). **Pedagogia da autonomia**. Saberes Necessários à Prática Educativa. 25ª Ed. São Paulo: Paz e Terra.
- GIL, A. C. (1994). **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas.
- GOLDANI, A. M. (2010). Ageismo no Brasil: O que significa? Quem pratica? O que fazer com isto? **Revista Brasileira de Estudos de população**, 27 (2), 385-405.
- GONÇALVES, L. e Alarcão, I. (2004). Haverá Lugar para os Afetos na Gestão Curricular? In. **Gestão Curricular- Percuro de Investigação**. Aveiro: Universidade de Aveiro, pp. 159-172.
- LINDSEY, N.S. & RICE M. L. (2015). Habilidades interpessoais e educação nos ambientes de sala de aula tradicional e online. **Journal of Interactive Online Learning**. University of North Alabama. Vol.13, Nº 3. Disponível em: <https://www.ncolr.org/jiol/issues/pdf/13.3.3.pdf>. Data de acesso: Abril de 2023.
- LOWMAN, J. (2004). **Dominando as Técnicas de Ensino**. São Paulo: Atlas.
- MIZUKAMI, M. G. N. (1986). **Ensino: As abordagens do processo**. São Paulo: E.P.U.
- NEVES, M. C. e CARVALHO, C. (2006). A importância da afetividade na aprendizagem da matemática em contexto escolar: um estudo de caso com alunos do 8º ano. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 2, p. 201-215.
- SIQUEIRA, M. M. (2002). **Avaliação docente: implicações éticas**. Avaliação, 7 (1), 97-105.
- SKINNER, B. F. (1972). **Tecnologia do ensino**; tradução de Rodolpho Azzi. São Paulo, Herder, Ed. da Universidade de São Paulo, 1972.
- ZAGURY, T. (1999). Relação professor/aluno, disciplina e saber. Pátio: **Revista Pedagógica**, 2(8), 9-12.
- BALLENATO, G. (2008). **Educar sem gritar. Pais e Filhos: Convivência ou Sobrevivência?** Lisboa. Editora: A Esfera dos Livros.
- CHALITA, G. (2001). **Educação: a solução está no afeto**. 1ª Ed. São Paulo: Gente.
- PRICE, J. M. (1980). **A pedagogia de Jesus**. O mestre por excelência. 3ª Ed. Rio de Janeiro. JUERP.
- NUNES, M.A.M.C. (2016). **A interação professor e aluno e a aprendizagem**. Faculdade de Letras da Universidade do Porto – FLUP.

1Elizabeth Hama Francisco, Doutorada em Psicologia Social e Evolutiva na vertente de Desenvolvimento Pessoal e Intervenção Social pela Universidade de Valência. Licenciada em Ciências da Educação pelo Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED -LUANDA), na opção de Psicologia. Mestre em Psicologia Social e Evolutiva pela Universidade de Valencia, na vertente de Desenvolvimento Pessoal e Intervenção Social. Docente de Psicologia, Desenvolvimento Curricular e Prática Pedagógica no Departamento de Ciências da Educação, Instituto Superior de Ciências da Educação, (ISCED-LUANDA). Autora do livro "O Envelhecimento e o Estado Psicossocial do Idoso em Angola".

²**Luís Venâncio**, Mestrando em Ciências da Educação na Especialidade de Administração Educacional pelo Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED - LUANDA). Licenciado em Ciências da Educação pelo Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED-LUANDA), na opção de Pedagogia. Docente. Fundador da AEPEX - Academia de Excelência Profissional e Exclusividade. Membro da Comissão Nacional de Jovens Voluntários de Angola. Palestrante em matérias de Gestão Escolar e Aperfeiçoamento Profissional. Acompanhante de Crianças com Dificuldades na Aprendizagem. (+244) 936.486..420.

³**Manuel Francisco Neto**, Doctorado em Psicologia Social pela Universidade Argentina John F. Kennedy. Mestre em Ciências Pedagógicas, opção Pedagogia e Psicologia, pelo Instituto Superior Estatal Pedagógico de nome V. I. Lénine, em Moscovo-Rússia. Docente Universitário do Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED-LUANDA). Diretor do Projeto Vakueto Tudilongui que significa "Pessoal vamos todos aprender juntos". Palestrante de vários temas psicopedagógicos e formador dos Cursos Básicos de Pedagogia e de Psicologia, de Professores e para Pais e encarregados de educação. Autor de vários artigos nacionais e internacionais. Autor do livro "O rendimento do aluno e o papel do professor. Uma aprendizagem para melhor servir a sociedade". (+244) 938 630 020.

⁴**Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco**, Doctoranda pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Agostinho Neto. Mestre em Psicologia Social pela Faculdade de Ciências Sociais-Luanda da Universidade Agostinho Neto. Mestre em Gerontologia Social pela Universidade de Granada/Espanha. Vice-Diretora do Projeto Vakueto Tudilongui. Palestrante de vários temas psicopedagógicos e formadora dos cursos básicos de Pedagogia e Psicologia, de Professores e para Pais e encarregados de educação. Autora de vários artigos nacionais e internacionais. Linhas de pesquisa que desenvolve: 1- Violência e agressividade nas relações humanas. 2- Orientação educacional e Tecnologia Social e 3 - Prevenção primária e secundária.



Revista **a EVOLUÇÃO**

Ano IV 44 Set. 2023
ISSN 2675-2573

Fiori Romano Manchini

ENSINAR É MAIS DO QUE TRANSMITIR CONHECIMENTO, É TRANSMITIR EMOÇÕES

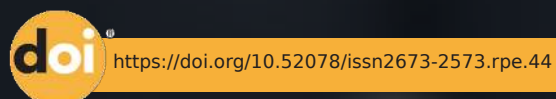
LANÇAMENTO

www.primeiraevolucao.com.br

ORGANIZAÇÃO:
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Elizabeth Hama Francisco
Luís Venâncio
Manuel Francisco Neto
Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Girlene Nascimento da Silva Mantovani
Giselda Trindade da Silva
Gizilda Barreto de Almeida Ribeiro
Jonatas Hericos Isidro de Lima
Lidiane Oliveira Leopoldo da Silva
Maria Aparecida da Silva
Rita de Cássia Gonçalves Paccola
Simone Moreira Garcia
Sheyla Maria Silva Pimentel



Produzida com utilização de softwares livres



Platform &
workflow by
OJS / PKP

www.primeiraevolucao.com.br

